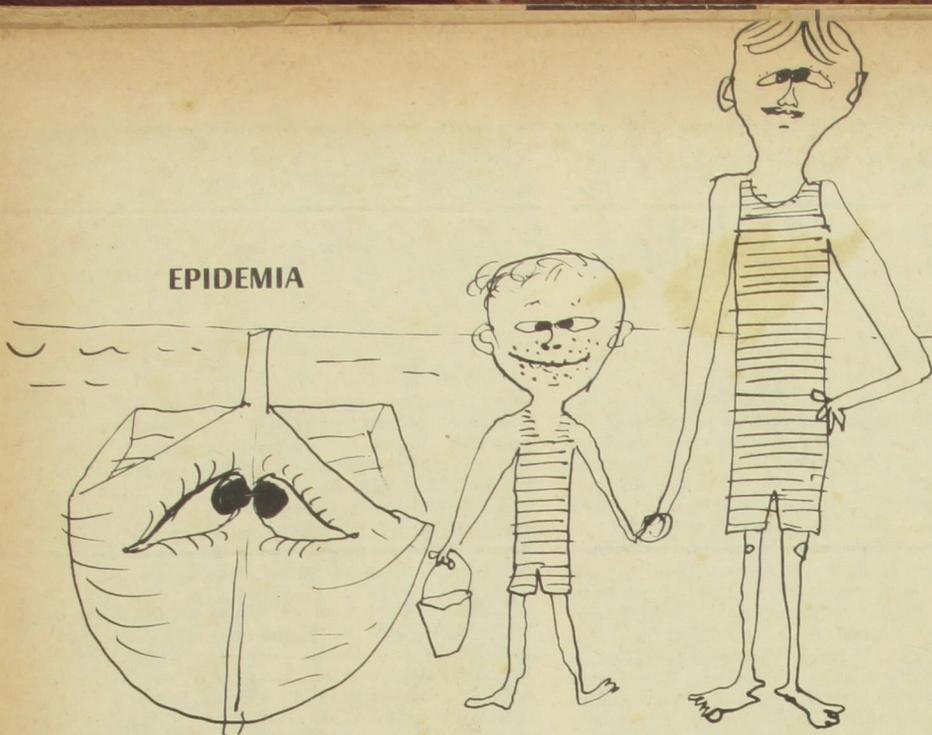


EPIDEMIA



É preciso libertar o rádio

Penso muitas coisas, mas não direi nenhuma sobre essa grande briga que envolve rádios, jornais, bancos e políticos. Tenho ouvido muitas opiniões certas e erradas sobre fulano, sicrano e beltrano, mas ouvi, da boca de um amigo, uma imagem que exprime um certo mal estar geral provocado pela troca de insultos e acusações: isso parece uma festa em que alguém sujou no ventilador.

O fechamento da Rádio Clube foi visto como uma vitória do grupo da UDN, ou ligada à UDN. No fundo a "Rádio Clube" era um grande abacaxi, e a informação que tenho é de que a má idéia de cultivá-lo foi do sr. Lutero Vargas. (Como ele me parecia mais simpático no tempo em que me dizia em Roma, durante a guerra: "detesto política; e a única vantagem que tenho tido em ser filho do presidente da República é a tolice de certas mulheres bonitas que acham bonito ter relações com um filho de presidente da República").

Mas acho que a UDN e outros partidos deviam levar em conta, no episódio, duas coisas, principalmente:

a) o governo, que tanto se gaba das leis trabalhistas que até se diz trabalhista, fecha "A Manhã" e agora a "Rádio Clube" sem fazer nada de decente e verdadeiro para amparar centenas de profissionais da imprensa e do rádio postos no desvio.

b) todas as estações de rádio do Brasil funcionam na base de uma concessão precária e dependem do critério (ou da falta de) do presidente da República. Para o rádio não há lei; qualquer portaria arbitrária faz e desfaz tudo.

O rádio é o mais forte instrumento de ação política, como formador de opinião das classes populares. Esse instrumento pode ser manobrado à vontade pelo presidente da República. O Congresso não se lembra de dar ao rádio as garantias que deu à imprensa.

Há países em que só existe o rádio oficial (França, Inglaterra) e outros em que as estações são particulares (Estados Unidos, por exemplo). No primeiro caso todos os partidos políticos têm os mesmos direitos em matéria de difusão de seus princípios. No segundo caso o rádio funciona como a imprensa em nosso país. O Brasil descobriu uma terceira fórmula, que tem todos os inconvenientes e nenhuma das vantagens dessas duas: o rádio é particular, mas não é livre, e além disso ainda existe rádio oficial com e sem publicidade. Regime de bagunça, dívidas, favoritismo, cavações e falta de liberdade. Os locutores berram muito, mas os diretores têm de falar baixinho quando na conversa entram as palavras "canal" e "banco". Regime cem por cento getulista: o rádio ainda não saiu do Estado Novo.

Porque o Congresso não quis.

R. B.

Estão aqui as pobres coisas

Soneto da parte final do poema VII do Canto Quinto de "Invenção de Orfeu", de Jorge de Lima, edição "Livros de Portugal", 1952.

Estão aqui as pobres coisas: cestas estufadas, botas carcomidas, bilhas arrebitadas, abas corroidas, com seus olhos virados para os que

as deixaram sôzinhas, desprezadas, esquecidas com outras coisas, sejam: búzios, conchas, madeiras de naufrágio, penas de ave e penas de caneta,

e a outras pobres coisas, pobres sons, coitos findos, engulhos, dramas tristes repetidos, monótonos, exaustos,

visitados tão só pelo abandono, tão só pela fadiga em que essas ditas coisas goradas e órfãs se desgastam.



NECESSÁRIA

Essa espécie de natureza morta-metafísica é trecho do imenso poema cíclico que uns consideram genial, outros apenas uma grande tentativa. Escreveu Murilo Mendes: "é o maior documento literário da natureza barôca do Brasil... obra genial... livro extremamente complexo e erudito... eleva a um plano superlativo de força de imaginação e poder realizador os múltiplos trabalhos do poeta Jorge de Lima".

DUAS PÁGINAS DE

Rubem Braga

GENTE DA CIDADE



Ruth, a modista

Ruth (de Albuquerque) Silveira nasceu no Rio (pai advogado, pernambucano, fiscal de imposto do consumo) fez o curso secundário no Andrews, foi bandeirante, apaixonou-se timidamente por um escoteiro do mar que até hoje não sabe disso, mas aos 14 anos conheceu um médico de 23 que foi seu primeiro namorado, e com ele noivou aos 15 e casou aos 16 anos. Aos 14 anos perdeu a mãe, aos 18 o pai, aos 21 o marido — voluntário da FEB, tenente Amaro Silveira, morto em ação no comando de uma patrulha. Um filho, que tivera, também morrera.

Foi uma viagem aos Estados Unidos que lhe deu o choque de que precisava para voltar à tona. Na volta resolveu trabalhar (secretária na organização Bouças, instrutora de "vary-typer"), deu-lhe uma febre de cursos (piano, pintura, ginástica, inglês, corte e costura) e de movimento "praia, bicicleta, hipismo, "boites", viagens) e cada vez sentia mais necessidade de fazer, criar alguma coisa sua. Fez uma casa de modas, com desfile na "boite" Vogue, trabalha violentamente com 30 costureiras, dois manequins permanentes (Inalda, lindíssima, cujo corpo funciona na base das curvas, e Danuza Leão, longilínea, que acumula as funções de secretária, discute com ela todos os vestidos) desenhistas etc., diz que o que se custa mais a aprender é a cobrar e receber, ameaça fazer uma casa tão grande como as melhores de Paris.

Acha que a mulher brasileira é a mais graciosa do mundo, que (a maioria) deve combater certa tendência a se enfeitar demais, que o homem brasileiro (exceções: Brigadeiro Eduardo Gomes, etc.) é o mais vigarista, mas também o mais interessante, e recorda que a coisa que até hoje disse que fez mais sucesso foi uma tolice, por distração chamou o General Eisenhower de capitão, e ele adorou.

Morena, frequentemente de óculos, acha (modéstia) que está favorecida na fotografia que ilustra esta nota; viva, quase agitada, 1,64 de altura, 54 de peso, 0,55 de cintura e depois de começar a enumerar as coisas que gosta muito de fazer, resumiu: "adoro fazer tudo, adoro viver!"

Vê-se.

CONVERSAS

No meio das numerosas perguntas que recebe durante seu programa de televisão, Carlos Lacerda recebeu um pedido de várias fãs: não usar mais jaquetão, e sim paletó saco. Atendido.

Sérgio Figueiredo quis visitar o Zoo de Londres, mas o guarda explicou que àquela hora o Jardim estava fechado para o público e ele não poderia entrar "unless you are a member". Achou meio esquisito ser membro do Jardim Zoológico e desistiu.

O arquiteto Estelita encontrou Joaquim

Com desenhos de
Eduardo Anahory



REVOLUÇÕES

"Os movimentos revolucinários atraem tanto as pessoas que são boas demais para as instituições estabelecidas como as que não são suficientemente boas para elas".
Bernard Shaw — "Androcles and the Lion" — Apêndice à peça.

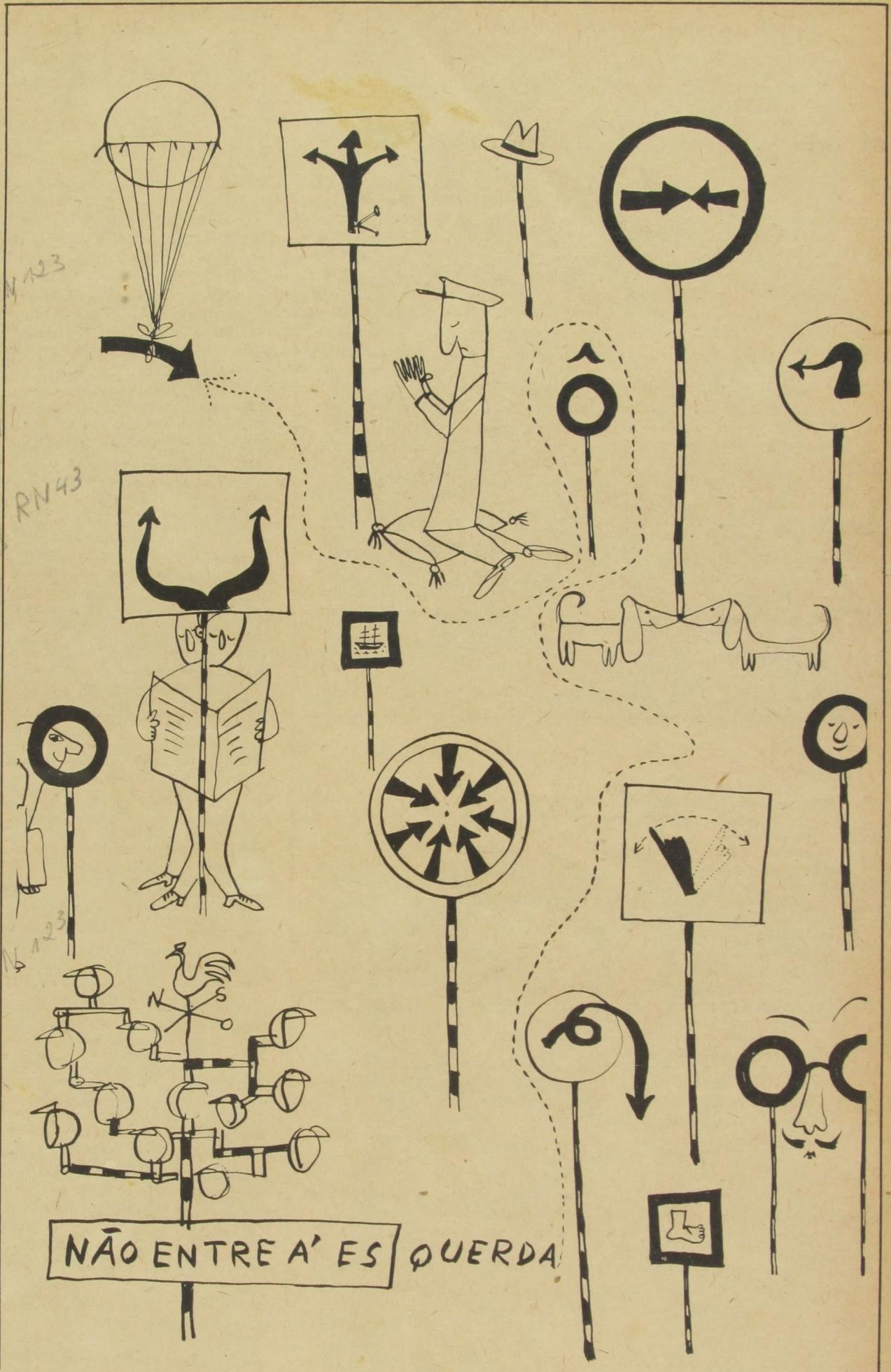
A VERDADE

SPINA — Já conheces a verdade? Mas de que verdade falas?
DONATO — Só há uma. Os pobres estão mal, esta é a verdade. Há quanto tempo disseste que existe a terra? Há seis mil anos? Bem, há seis mil anos nós, os pobres, estamos mal, esta é a verdade.
AGOSTINO — Quem não conhece a verdade? Uma verdade tão antiga! Não é preciso cansar os olhos sobre papéis escritos para saber essa verdade.
MATTEO — Se no lugar de um papel com uma verdade tão triste e cansada fosse distribuído entre a gente pobre um papel com uma salchicha dentro, isso seria muito, muito mais vantajoso para a gente pobre.
Ignazio Silone — "Ed egli si nascose" — I Ato, Cena II.

O MAJOR

"O Major dera de taca no parapeito, muitas vèzes, alumiando raiva nos olhos verdes e enchendo o barrigão de riso. Depois, voltou as costas ao camarada, e, fazendo festa à cachorrinha Sua-Cara, que pulara por cima do banco, começou a falar vagaroso e alto, mas sem destampatório, meio rindo e meio bravo, que era o pior:
— Tenho vaqueiros, que são bons viciados... Tenho cavalos ladinos, para furem tapumes. Hôhó... Devagar eu uso, depressa eu pago... Todo-o-mundo aqui vale o feijão que come... Hô-hô... E hoje, com um tempo destes e a gente atrasada...
Final, mandou Sua-Cara descer do banco, e se desviou de repente, encarando Francolim:
— Quantos animais ficaram, mulato mestre meu secretário?"
J. Guimarães Rosa — "Sagarana" — 3.ª edição — Livraria José Olímpio Editora.

Rôla muito contente. "Recebi ontem uma carta de minha mãe com uma lista de tôdas as coisas que eu devo fazer e que não devo fazer durante um ano, para ser feliz. Tenho certeza de que seguindo seus conselhos tudo irá bem para mim".
Admirado daquela obediência filial, perguntou se a senhora sua mãe vivia no Rio ou em Minas. Rôla respondeu, triste:
— Ele é falecida há muitos anos.
Joaquim Rôla apurou que é a terceira encarnação de Caracala (a segunda foi o Marquês de Pombal) e tem em muito apreço Oscar Niemeyer, entre outras coisas porque está certo de que ele já foi Napoleão Bonaparte.
(Pena que Rôla ainda não fosse espírito quando escolheu um arquiteto para fazer o Quitandinha).



ANAHORY FOI A S. PAULO de automóvel, mas depois de passar um dia explicando a quinhentos guardas que era português e do Rio (cada explicação acompanhada de 10 cruzeiros) tomou anotações sobre a sinalização e guardou o carro na garagem até a hora de voltar.